

A RAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 50 do 1.º Ano

Director e Editor, DR. DAVID DE OLIVEIRA

Relação e Administração, Rua de Francisco Aguiar, 4

Guimarães, 2 de Janeiro de 1924

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade - FAFE

Cunha Leal

O nosso presado colega de Lisboa «A Lanterna» transcreveu na íntegra o artigo *Cunha Leal* publicado na nossa secção *Terra de Ninguém*, pelo que lhe estamos reconhecidos.

Por cá... tudo como dantes

Está-se em férias. Ranchos de *Manéis* e *Marias* que vieram à vila, foguetes anunciadores das festas ao Menino, romarias, repiques, caras estranhas, patricios que vieram consoar com suas famílias, olhos congestionados de pessoas que, não conhecendo Guimarães, a viram pela primeira vez.

E que espantadas ficam todas elas!

—Por onde diabo se entra para a Havaneza?!...

—Tanta sede, e os marcos-fontenários sem deitarem pinga d'água!...

—De quem é aquêlê enterro?

Ah, deve ser do sr. fulaninho como notícia o correspondente do «Janeiro». Aquilo é que êle era estimado e querido... Só para as casas de caridade deixou... um chavelho.

—Fogo?! Aonde, em que sítio?! Na casa do «Melro»?

Ti-to-to-to-ium. — O' 104 abre a água.

Não tem pressão, diz o 104.

—Uí que cheiro tam mau!

Donde provirá este cheiro?!...

Dos mictorios, diz alguém.

—Desejava saber aonde fica o correio, diz-me, por favor.

Perto do Abreu dos Linhos, dissemos nós.

Seguimos o cavalheiro e ao entrar, verificamos que êle ficou estupefacto e barafustando: E que coisa impossível, meu Deus! Mas eu li nos jornais que iam lançar a primeira pedra, há já não sei quanto tempo, e o correio continua naquela *corlelha!*...

—Aqui, alvitramos nós, só trêta, nada mais.

Continua tudo como dantes.

Administrador do Concelho

Por ter pedido a sua exoneração, foi substituído no cargo de Administrador do Concelho pelo Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal, o sr. Luís Cândido Lopes.

Basta!

De norte a sul do país se vem levantando um clamoroso protesto contra o ignobí procedimento das traineiras hespanholas que em numeros grupos invadem as nossas águas, para nelas exercerem o seu mister com aqueles processos criminosos que foram a causa unica do despovoamento dos seus mares.

Confiados na indiferença com que em Espanha são acolhidas as reclamações pelo governo da Republica feitas sobre o assunto, os pescadores hespanhois correm toda a nossa costa, b-tendo-a a dinamite, como se isto fosse *roupa de franceses* à mercê do primeiro pirata sem escrúpulos.

E como se isto não bastasse para nos afrontar, e como se isto fosse pouco para nos ofender, os pescadores hespanhois — parece que obedecem lo a estranho propósito — levam o seu atrevimento ao excesso de causar prejuizos à nossa classe piscatória, destruindo-lhe as rêdes, não deixando até de a insultar quando a ocasião e o numero são a seu favor.

E dizemos que nos parece que essa gente obedece a extranho propósito, porque de outra forma se não podem explicar a insistencia com que as nossas águas são invadidas e a reincidencia no uso criminoso dos processos de pesca, que o mais elementar senso prático condena.

Alem disso, como não havemos de pensar assim, se atendermos a que o poder central da nação visinha nada tem feito para evitar as constantes transgressões que os seus pescadores cometem, se em Espanha ninguem tem pensado em meter na ordem esse novo género de dinamilistas cobaiades que tanto desprezo mostram pelos direitos alheios?

Como não havemos de pensar assim, se, às instantes e constantes reclamações dos nossos governos só temos tido, como resposta, novas e mais numerosas invasões, novos e mais repelentes atentados contra a nossa soberania?

Basta de banditismo.

E' preciso que se não suguete o nosso sentimento patriótico à repetição dessas provas vergonhosas que êle não sofrerá; é preciso pôr termo às ignobeis extorsões de que temos sido victimas e se ali nos dominios de Primo de Rivera se desconhece o respeito que se deve à casa dos outros, saibamos nós impô-lo.

E não se diga que são escassos os meios de que dispomos para o fim em vista. Nestes casos, em que se trata de salvar o decôro nacional, todos os meios são bons.

Bem escassos eram êles quando, entrados na guerra, tivemos de nos apresentar para a defeza da nossa costa e, contudo, multissimo se fez, tanto que a muitos pareceu maravilha.

Pois façamos agora outro tanto, que assim o exigem o nosso patriotismo enxovalhado e a nossa economia nacional, a nossa riqueza marítima, que não pode continuar ao dispôr dos modernos piratas.

Ninguem pode levar a mal que defen-lamos o que é só nosso, como ninguem pode acusar-nos por não consentirmos que em nossa casa o visinho faça aquilo que nem nós fazemos.

Basta de latrocínio.

Será possível?

Que os ovos continuam a custar-nos grossa maquia de centavos?

—Que os mictorios causem náuseas a quem passe perto d'êles?

—Que se tenham grandes elogios fúnebres a alguns, só porque os herdeiros ficam pôdres de ricos, não importando que gesto altruista ou benemerente se tivesse dado ou se venha a dar?

—Que os Teatros continuem a funcionar sem os piquetes dos Bombeiros?!?!

—Que a água seja ainda insufficiente para o consumo público e muito menos para atulhar incendios que se possam vir a dar?

Expediente

De lamentar é que muitos dos nossos assinantes se tenham negado ou esquecido de pagar os recibos de cobrança, alguns d'êles abastados, como se os miserros 3\$50 centavos, lhes fossem prejudicar a vida.

Julg'm que devemos fornecer-lhes o jornal de graça e bem assim defendermos os seus ideais, como se o nosso republicanismo esteja obrigado a gnardar as barrigas dos *bons* e *puros* republicanos, daquêles que só tem servido de estôrvo ao regime, porque, manhosos como os monarchicos, o continuam sendo na Republica.

CARTEIRA

Estiveram no Porto, acompanhados de S. Ex.^{ma} Esposas, os nossos amigos, snrs. Dr. Oliveira e Sá, Tenente Heitor de Almeida e Heitor Campos.

—De visita às suas Ex.^{mas} famílias, estiveram nesta cidade os snrs. Amadeu José de Carvalho, Gaspar Noronha e Antonio de Souza Guise.

—Em goso de licença encontram-se os nossos queridos amigos, Tenentes Gervásio Campos de Carvalho, Rodrigues e Sampaio.

—Para Caminha partiu o nosso particular amigo e presado assinante, sr. Gaspar Gonçalves Coelho.

A Queda...

Profeta de *verdad*, o sr. L. trouxe-nos uma novidade que desconheciamos: preconisar, *a oito dias de vista*, as quedas dos ministérios!

Superior a uma *folhinha*, o sr. L. (sem ser Leão) diz-nos coisas... bentíssimas da política portuguesa, como se a sua competencia fôra um *princípio de verdade*, como se a sua orientação fôra um verdadeiro sistema em torno do qual gravitasse o espirito dos politicos!

Autentico rabi — mas com r-pequeno — quasi iam-lo mandar para o meio dos doutores, se não receassemos um fiasco que colocaria mal a *Orey* e o *Rey*.

Predestinado para a apreciação dos problemas politicos, daqui o aplaudiriamos se não previssemos o trambulhão brutal, a queda formidavel que o sr. L. há-de dar, como tem acontecido a todos os colaboradores do «Ecos».

Por enquanto, marcha fúnebre música de Chopin. Depois?...

Pela Causa e pela Barriga

Saiba o sr. Director do *Ecos* que não lhe levamos nada pelo *reclame*.

Saiba igualmente que prescindimos e prescindiremos do auxilio dos seus correligionários.

O nosso jornal é feito à nossa custa.

Pelo contrário, o vosso é feito à custa dos papalvos que, julgando alimentar a causa sagrada, alimentam a barriga do director do «Ecos».

Curto de vista?!...

Não o sabiamos curto de vista, senhor escrevinhador do «Ecos».

Queira o cavalheiro relêr o escrito «*Funcionalismo e redução*» e estorce-se por melhor compreender.

Se não o conseguir, é porque a sua mentalidade é mais curta ainda do que a sua vista.

E dos pobres de cérebro está o «Ecos» cheio.

LÊDE E PROAGAI

«A Razão»

Assina! a «A Razão»

A' guisa de resposta

O sr. David Braga pelo visto quer matar. Em três columnas e pico do Equus, lá volta a tocar a peça estajada do insulto cónesinho e soez. Pois escusa de se estafar. Já lhe respondi e por uma vez.

Contudo ao post scriptum tenho de responder e dig' -lhe *quando, onde e como quiser*. De resto, se quer matar, o Equus que lá'a dé.

Ora deixando o petiz, vamos lá ao Equus.

Responde o mesmo no artigo «D. Findo» e depois no «A' guisa de resposta».

Diz que nunca respondeu porque o fim dele não é discutir parvoíces. Ora ahí está uma maneira habilidosa de fugir com certa parte do corpo á seringa.

Se são parvoíces o que se escreve no «Ridendo» deve o Equus como defensor da causa monarchica destrui-las, rebate-las ou pelo menos apontá-las.

Nenhuma dessas parvoíces se escreveu, que não fosse em resposta aos diábetes do Equus ou aos ataques dos seus colegas quer á Republica quer aos seus homens.

Se abrimos qualquer numero do Equus que encontramos lá? Ataques insidiosos á Republica, linguagem por véses desajada e insólita com a sua caninima de premio, artigos atrevidos e ascorosos. E creia o Equus que foi essa a principal razão porque apareceu este jornal.

Como republicano colaboro na «Razão» e escolhi a forma mais atrelia o adverbio, o ridiculo. Não agrada ao Equus? Tenha paciencia.

E ha-de ser assim, até quando o Equus mude de processo e linguagem.

Ora eu muito gostaria que o Equus me apontasse as asneiras do rosario. Mas muito mais que isso eu desejo que o sr. Director do «Ecos» me prove que eu insulto toda a gente, porque eu vou provar-lhe que o sr. é um calunidor. O sr. diz que ha tempos o sr. David Braga foi por mim provocado e insultado estupidamente.

Eu não sei se o sr. Director é estúpido. O que sei é que mente. Eu não insultei o sr. David Braga, antes que esse senhor me insultasse.

La que o provocasse, vá.

O insultador foi elle.

Dum artigo repleto d'asneiras que o mesmo sr. escreveu, aproveitei algumas das mais frias e juntei-as, sem alluões e sem ferir ninguém.

O sr. David respondeu-me insultando-me e então é que no sagrado direito de defesa me respondi. Mas ha mais. O sr. Director ou lá o que é do Equus afirma, (agora que é estupidamente,) que cheguei ao extremo de o ameaçar.

Ora o que eu escrevi sr. Director do Equus, que nesta questão me parece muito... miope, foi que o sr. David Braga gosava duma «impunidade especial». Isto nunca foi uma ameaça.

Convenç -se o sr. Director do Equus, que nunca me servi desses processos, pois se deles tivesse que lançar mão não o faria. O he, nunca preveni o inimigo de que ia fazer fôgo. O sr. Director do Equus quer «armar o pianguelho» como se diz em linguagem popular da minha região.

Por fim dá os parabens ao sr. David, pela sua *brilhante defeza* com papas e bolos...

E edificante!

Então o sr. Director do Equus acha brilhante defeza aquêl acervo de infâmias que é o agarrado artigo do sr. David no mesmo n.º do Equus?

Então o sr. acha bem que nas columnas do seu jornal o sr. permita coisas como: *bisborria de má nola, dar lições de cobardia, um insulto esticado até ás profundezas da infamia, etc., etc.???*

Mas a seguir o Equus diz que procurei insultar o seu Director e colaboradores. Outra calunia. Transcreva o Equus aquilo que eu escrevi, e depois que sejam os seus leitores que digam se insulto quem trabalha nesse jornal.

Que o sr. David Braga tem respondido aos meus insultos. Mentira, e mentira. O sr. David é que começou os insultos. Leia o artigo que elle bolsou e veja o terceiro periodo, da terceira columna.

Que o mesmo sr. tem respondido com elevação... elevações, elevações é que é nas partes inferiores das pernas.

Que tenho insultado vilmente todos os colaboradores do Equus!!!

Onde sr. Director do Equus? Em que? Em responder-lhes ao insulto constante á Republica? em ridicularisar certos artigos e escritos *sedegosos*?

Quer que lhe diga quais os seus colaboradores cultos e illustrados? Aquêles que de armas lenis na mão expandem as suas idéis sem molestar as dos outros, servindo-se da verdade como léma e não dando na litteratura e no jornalismo aquêles coices formidaveis que tantas vezes aparecem no Equus.

Vê como soube responder á gracinha?! O sr. Director do Equus é que talvez não me saiba responder, nem saberá talvez o que isso é.

Tenha o Equus só desses colaboradores para voltar a ser «Ecos», porque o resto são *colaboradores*.

Dezembro de 1923.

LÉDECÉ.

Falecimentos

Sortunato M. d'Oliveira

Ajós um doloroso sofrimento que o reteve no leito durante meio ano, motivado por um ataque cerebral, faleceu no passado dia 18, pelas 5 horas, na sua casa de Requixo da freguesia de S. Romão de Arões, com a idade de 70 anos, o conhecido proprietario Ex.º Sr. Fortunato Monteiro d'Oliveira.

Homem de um carácter, com um coração bondoso e dotado de uma alma nobre, jamais esquecerá áqueles que de erto o conheceram e lhe souberam apreciar essas raras qualidades.

O seu funeral feito no dia 20, pelas 10 horas, foi de grande solenidade e de enorme concurrencia, vendo-se o atalufe coberto de ricos bouquets e corôis em cima de uma eça e a igreja armada de crepe. Organizaram-se 3 turnos, sendo dois na igreja e um no cemiterio, entregando a familia a chave da urna ao dedicado amigo do saudoso extinto, sr. Arnaldo Bastos.

«A Razão» envia sentidos pesames á familia enlutada.

Luiz Gama

«A Razão» conhecendo os imensos beneficios que a agricultura nacional deve á intelligencia acção do fundador da «Gazeta das Aldeias» lamenta o seu falecimento e apresenta as suas condolencias á familia do illustre extinto.

João d'Almeida

«A Razão» acompanha na dô os srs. Dr. João d'Almeida Junior e Fernando Almeida pela perda do seu estremo pai.

Agradecimento

A familia do falecido Fortunato Monteiro de Oliveira, vem por este meio, muito reconheci-la agradecer a todos so que se dignaram acompanhar á sua ultima morada o saudoso extinto, incorporando se no seu funeral e assistindo ao officio e hem assim a todos que se dignaram assistir á missa do setimo dia e áqueles que por não poder comparecer lhes enviaram os sinceros pezames.

Requixo de São Romão de Arões, 24 de Dezembro de 1923.

- Lulza Rosa Domingues Lameiras
- José fina Monteiro de Oliveira
- Ermelinda Monteiro de Oliveira
- Adelina Monteiro da Oliveira
- Maria Monteiro de Oliveira
- Luiza Gonzaga M. de Oliveira
- Joaquim Monteiro de Oliveira
- Antonio J. Ribeiro F. Gomes
- Albano M. de Oliveira (auzente)
- Laurentino José Cerdeira
- Cristovão Monteiro de Oliveira.

EDITAL

Recenseamento Eleitoral de 1924

José Maria Gomes Alves, chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Guimarães:

Faço saber, nos termos e para os efectos dos artigos 11.º do Coligo Eleitoral e 1.º da Lei n.º 294 de 20 de Janeiro de 1915, que o periodo para a inscrição no recenseamento politico no proximo ano de 1924 começará no dia 2 de Janeiro e terminará no dia 28 de Fevereiro proximo, podendo inscrever-se como eleitor, alienados que ficam do anterior recenseamento por terem a capacidade eleitoral exigida pela Lei, todos os cidadãos do sexo masculino, maiores de vinte e um anos ou que completarem essa idade até 8 de Julho de 1924, que estejam no gozo dos seus direitos civis e politicos, saibam ler e escrever portuguez, e residam no territorio da Republica Portuguesa.

Os requerimentos para a inscrição no recenseamento deverão mencionar a filiação, estado, profissão, naturalidade do nascimento dos requerentes e local onde foi léto o respectivo registo e, qu ter a letra e assinatura reconhecidas por notario, ou ser escritos e assinados perante o presidente da Junta de freguesia das suas residencias e dous eleitores da mesma freguesia.

Juntarão aos seus requerimento:

- 1.º—Certidão de idade nas condições legais ordinarias ou conforme o modelo n.º 3;
- 2.º—Atestado de residencia, conforme o modelo n.º 4.º, passado pela Junta de freguesia ou regedor que prove que o requerente reside ha mais de seis meses na freguesia por onde requer a inscrição.

Os requerimentos são todos isentes do imposto do selo e de quaisquer emolumentos ou salarios, desde que sejam somente passado e aproveitados para fim eleitoral.

Guimarães, 23 de Dezembro de 1923.

O chefe da Secretaria
José Maria Gomes Alves

Ex.º Sr.

ANUNCIO

Arrematação

(2.ª Publicação)

No dia 13 do proximo mês de Janeiro, pelas 12 horas, á porta do Tribunal Judicial, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, e por virtude da deliberação do respectivo conselho de familia no inventário orfanológico a que se procede por óbito de Jerónimo Gonçalves e mulher Emilia da Costa, moradores que foram no lugar do Monte, freguesia de Urgezes, desta comarca, e no qual é inventariante Nicolau Lopes, casado, jornalista, do lugar do Penêto, freguesia de Polvoeira, desta mesma comarca, se tem de arrematar em hasta pública diversos móveis, roupas e objectos de ouro, que no acto da praça estarão patentes e serão entregues a quem mais oferecer acima do valor da avaliação, e hem assim a propriedade abaixo designada, a qual tambem será entregue a quem mais oferecer acima do valor porque é posta em praça, a saber:

Propriedade chamada do Monte, situada no lugar do mesmo nome, freguesia de Urgezes, desta comarca, que se compõe de casas terreas e telhadas e terreno de horta. É posta em praça pela quantia de escudos 1.200,00.

Declara-se que toda a contribuição de registo e despêsas da praça ficam a cargo dos arrematantes.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos, querendo.

Guimarães, 15 de Dezembro de 1923.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Amadeu Gonçalves Guimarães.

O escrivão do 4.º officio,

Rodrigo Augusto da Graça Alves.